O CANDIDATO DO ENTORNO: UM ENCONTRO ENTRE INTERVENÇÃO URBANA, COLETIVO E POLÍTICA

Clarissa M. Borges,
Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO:

Este trabalho busca analisar as atividades do coletivo *Projeto de Arte ENTORNO,* entre 2002 e 2004, com o trabalho *Candidato do ENTORNO*. O objetivo é buscar elementos na prática artística do grupo que surgem à partir do encontro entre os territórios da intervenção urbana, dos coletivos de arte e da política. O texto relata parte da história da criação e modificação do coletivo, sua relação com a cidade de Brasília e seus espaços urbanos, demonstrada pela reação do grupo com as eleições brasileiras.

Palavras-chave: intervenção urbana, coletivos de arte, arte e política.

ABSTRACT:

In this paper I will analyze the work of a group of art named Projeto de Arte ENTORNO. The work selected is an intervention in public space called Candidato do ENTORNO done in 2002 and 2004. The objective of this analysis is to show how some practices of the group work between territories of urban intervention, art collectives and politics. For that, some history of the group is going to be shown in relation to Brasilia's urban spaces, which is the capital of Brazil, and to Brazil's elections period of time.

Key words: *Urban Intervention, art collectives, art and politics.*

A atuação de grupos ou coletivos artísticos no contexto urbano vem acontecendo há alguns anos no Brasil. Em 1979 o grupo *3NÓS3* parece inaugurar este tipo de produção com um ponto de vista contestador em relação a cidade e às instituições de arte. Mas, é à partir da virada do século XXI que os interventores urbanos surgem em várias cidades. Marcados pela criação coletiva e atuando "ações diretas de encontro e embate com o público e o espaço" (MONACHESI, 2003, p.5), podemos citar como exemplo: *Laranjas* (Porto Alegre); *Atrocidades Maravilhosas* (Rio de Janeiro); *Camelo* (Recife); *Poro* (Belo Horizonte) e *Projeto de Arte ENTORNO* (Brasília). Neste artigo, veremos como o último grupo citado se configura como um coletivo e como suas estratégias artísticas estão diretamente ligadas ao espaço da

cidade. Faremos um recorte, selecionando dois anos de produção, 2002 e 2004. Analisaremos aqui apenas os trabalhos que neste período tinham como assunto principal as estratégias políticas eleitorais e sua manifestação na cidade.

O *Projeto de Arte ENTORNO* surge em Brasília em 2002, formado inicialmente por um grupo de 19 artistas[i], convidados por Marta Penner, no qual se inclui a autora deste artigo. O início do nosso grupo já demarca a forma que vamos agir dentro da cidade. Ele surge como reação à Exposição Satélite da 25ª Bienal de São Paulo, denominada *Brasília Ruína e Utopia* no CCBB Brasília. Nesta exposição somente um artista convidado era da cidade, os outros eram estrangeiros provenientes de vários países diferentes. O nome que escolhemos para o grupo vem da condição sugerida pela própria Bienal, que tratava por capital a arte que estava em São Paulo, por satélite a arte que estava em Brasília. Portanto, apesar de morarmos na capital, éramos o entorno[ii].

Nossas ações foram, desde então, caracterizadas como ações do *Projeto de Arte ENTORNO*. Agimos às margens das instituições oficiais da arte, sem recorrer a elas (a menos que nos seja muito proveitoso) e a partir do que nos é provocado por uma outra instância que não é necessariamente artística, mas está localizada na cidade. Desta forma, é da cidade que tiramos nossos trabalhos e é nela que agimos. Esta atitude é comum em trabalhos de intervenção urbana e assemelha-se a alguns artistas alemães da década de 80 que, segundo Claudia Buttner (2002, p.77), "pesquisam a história local, documentam o tratamento dado a ela até o momento ou incentivam discursos atuais com a população".

Somente após a realização do primeiro evento é que começamos a pensar trabalhos coletivamente[iii], onde quem assina é o *Projeto de Arte ENTORNO*. Dessa forma, nos transformamos em um coletivo de arte e não mais um grupo. Entendemos que a forma de criação artística de um coletivo é diferente de um grupo de artistas, o primeiro cria coletivamente, o segundo junta artistas para realizar eventos em conjunto, mas criam individualmente.

Neste momento surge o trabalho que nos interessa neste artigo, o *Candidato do ENTORNO*. É importante ressaltar que o ano de 2002 foi ano de eleições presidenciais e, em Brasília, esta data marca a transformação de uma cidade

monocromática e asséptica, em uma cidade invadida de campanhas políticas, bandeiras, faixas, rostos, frases, nomes e cores. Resolvemos, então, trabalhar com o que a cidade e a política já nos fornecia e criamos um candidato identificado por um rosto e nomeado o *Candidato do ENTORNO*. Vemos esta ação do coletivo como uma tentativa de transformação e mudança da concepção artística de seus participantes que, neste momento tentam conceber estratégias para afetar o público, não só artisticamente, mas politicamente. Como descreve Claudia Buttner:

> "A arte é uma linguagem altamente desenvolvida, que criou estratégias e processos diversos para transmitir conteúdos e atitudes. Já que ela foi capaz de explicar realidades complexas em séculos passados, poderia passar a ver hoje a sua missão mais nobre na tarefa de transformar indivíduos apolíticos e associais em cidadãos comunicativos e responsáveis" (BUTTNER, 2002, p. 79)

A primeira ação do candidato foi publicar no jornal da cidade, Correio Braziliense, o que podemos chamar de campanha política impressa. O coletivo concebeu 4 imagens que ironizavam as campanhas políticas, destacavam a divisão política da cidade e divulgavam o rosto do candidato (formado pela sobreposição do rosto de todos os artistas participantes do coletivo). Criamos um personagem que se parece sempre com alguém conhecido, mas que tem uma identidade borrada, feita por camadas transparentes de imagens. É pois, um rosto que surge a partir da soma de nossas próprias identidades e que se torna a identidade do grupo. Retrato claro da decisão que havíamos tomado de produzir em conjunto, de nos abstermos de nossas identidades artísticas nas ações do *Projeto de Arte ENTORNO*. Retrato do candidato, retrato do coletivo (figura 1).

Figura 1: Imagem do *Candidato do ENTORNO* criada à partir da manipulação digital de fotografias dos integrantes do *Projeto de Arte ENTORNO*.

A primeira imagem publicada no jornal (figura 2) ressalta a divisão política da cidade por cores, propondo um candidato e duas campanhas, que julgam-se opostas por seus partidos, mas que agem com similaridade nas eleições. A partir desta imagem, criamos um representante da possibilidade dessa união, sem sobreposição, sem anulação, mas concomitante já que ele faz duas campanhas. Já na semana seguinte, publicamos vários santinhos do candidato, que deveriam ser cortados do jornal e distribuídos (figura 2). Mas, o próprio candidato já fornecia a propaganda contra e a propaganda à favor, era possível pedir votos ou pedir para que não votassem nele. Democracia levada ao extremo, produzindo material de campanha contra o próprio candidato.

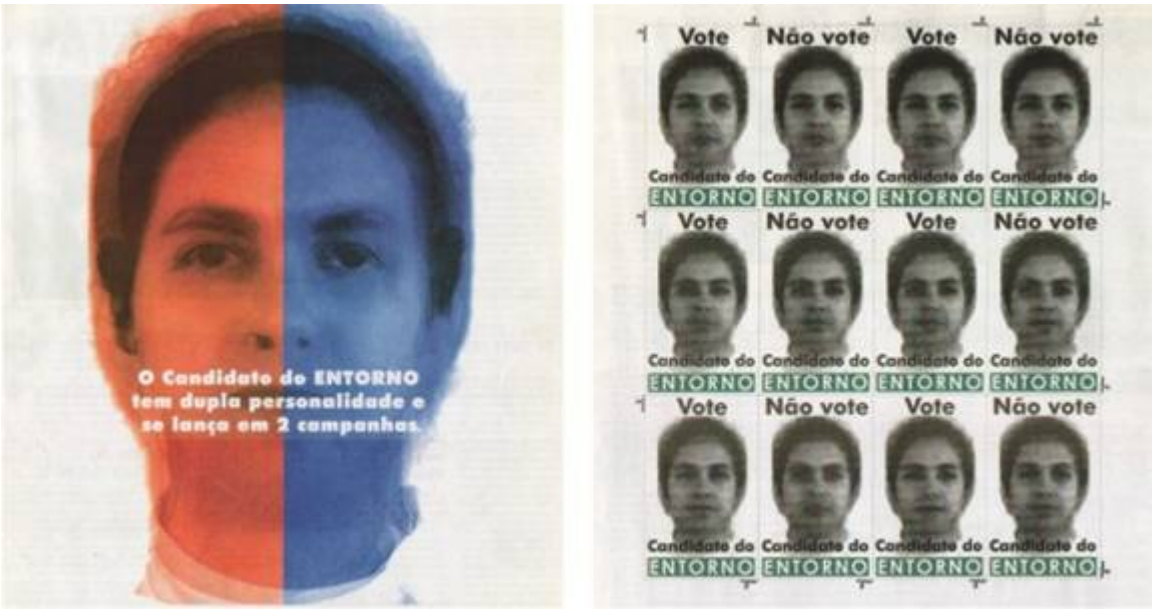

Figura 2: Campanha do *Candidato do ENTORNO* publicadas no Jornal Correio Braziliense em Brasília, em 11 e 18 de agosto de 2002, respectivamente.

Na terceira imagem da campanha (figura 3), a proposta é mascarar-se de candidato, tornar-se o *Candidato do ENTORNO*. Produzimos assim, um candidato que mascara o povo, encobre os rostos de indivíduos com seu rosto anônimo, transforma a individualidade em coletividade. A última publicação no Jornal fazia um inversão na ordem eleitoral, propondo que o candidato votasse no povo e não o contrário (figura 3).

Figura 3: Campanha do *Candidato do ENTORNO* publicadas no Jornal Correio Braziliense em Brasília, em 25 de agosto e 01 de setembro de 2002, respectivamente.

A possibilidade de criação à partir do tema político nos parecia fantástica e a intervenção urbana levaria a campanha do candidato de volta para a cidade e para um contato mais direto com o público. Neste sentido, realizamos, em colaboração com o artista Elyeser Szturm, o trabalho *Jardim de Inverno* (figura 4) levantando a discussão sobre a distribuição de bens/objetos para o povo pelos candidatos. A proposta do trabalho era distribuir no gramado da Rodoviária do Plano Piloto cerca de 100 cobertores e deixá-los à disposição de seus freqüentadores e moradores. A escolha deste lugar deveu-se a várias questões impostas por ele: é o ponto central de Brasília onde encontram-se eixo monumental e eixo rodoviário, tem um intenso fluxo de passageiros, circulam integrantes de várias classes sociais e várias pessoas que fazem de lá sua casa. Talvez, por ter estas características seja um dos lugares mais frenquentes na história das intervenções urbanas na cidade. Em 1980 foi o lugar escolhido pelo grupo *Ex-Culturas* para realizar o projeto *Invasão das Ex-culturas*[iv] e em 1996 foi o espaço onde o Grupo Corpos-Informáticos realizou a performance *Balanço*, que gerou o vídeo *1º de abril,* também do grupo.

Figura 4: Convite para intervenção *Jardim de inverno*. Fotografia do trabalho *Jardim de Inverno*, Intervenção Urbana, Brasília, 28 agosto de 2002.

Desse modo, *Jardim de Inverno* é uma intervenção que demanda a participação efetiva de pessoas que não são o público frequente em atividades artísticas. Os agentes externos do trabalho são para o grupo a causa e justificativa do mesmo, os cobertores deixados lá eram justamente para esta população, que em algumas horas fez desaparecer toda a intervenção levando embora os cobertores.

Fizemos, portanto, o lançamento da campanha nos jornais e, logo depois, a intervenção com os cobertores, mas faltavam algumas ações típicas de campanhas políticas como a colocação de faixas do candidato, inaugurações de obras concluídas pelo governo, ou até mesmo a distribuição de lotes. Os encontros do coletivo tornam-se cada vez mais constantes e conturbados, várias discussões conceituais são levantadas, parecem impossíveis as conciliações dos 12 integrantes. O grupo passa neste momento por nova mudança, e sua configuração até novembro de 2002[v] será de 10 integrantes: André Santangelo, Clarissa Borges, Janaína André, José Eugênio, Karime Dutra, Marta Penner, Rodrigo Paglieri, Sofia Fernandes, Valéria Pena-Costa e Waleska Reuter.

Notando o excesso de faixas de propagandas políticas espalhadas pela cidade, resolvemos reagir à esses interventores visuais da cidade, que exibiam letras garrafais, imagens de rostos e muitas cores. Em contraponto a tais objetos, fizemos faixas pretas do mesmo tamanho daquelas que invadiram a cidade. O planejamento desta intervenção urbana incluía a colocação de faixas pretas no viaduto do eixo monumental, que encontrava-se abarrotado de propagandas políticas (figura 5).

Figura 5: Projeto para Intervenção Urbana *Faixas Pretas*, Fotografia digital manipulada, 2002.

Decidida a data da ação, fomos à noite para o local com mascaras do Candidato. Mas o local não era mais aquele cheio de propagandas, estava quase limpo, a maioria das faixas de candidatos haviam sido retiradas, Depois da colocação de nossas faixas pretas, ao observar de longe, era como se tivéssemos substituído ou anulado todas as imagens e textos desconexos, por uma só cor (figura 6). A cor preta demarcava ainda mais a ausência daqueles objetos no viaduto, possibilitava também uma leitura como protesto ou censura das campanhas políticas daquele ano. Segundo Vera Pallamin a prática artística em espaços públicos:

> "Pode criar situações de visibilidade e presenças inéditas, apontar ausências notáveis no domínio público ou resistências às exclusões aí promovidas, desestabilizar expectativas e criar novas convivências, abrindo-se a uma miríade de motivações." (PALLAMIN, 2002, p. 108)

Figura 6: Fotografia da Intervenção Urbana *Faixas Pretas*, Viaduto do Eixo Rodoviário, Brasília, 02 de outubro de 2002.

No mesmo ano realizamos, como atividade do Candidato, o trabalho de inaugurações de alguns espaços em Brasília. Procuramos fazer uma lista dos locais significativos para a cidade, que em alguma época foram um marco e eram freqüentados ativamente, mas que por motivos diferentes foram abandonados e encontravam-se naquele momento em ruínas. Pode parecer estranho mas, Brasília mesmo sendo uma cidade relativamente nova, já apresenta lugares, geralmente espaços sob responsabilidade governo do Distrito Federal, abandonados e sucateados.

Pensamos então sobre a ação, bastante comum, de inaugurar obras realizadas pelo governo afim de fazer propaganda política, sem importar que o espaço inaugurado esteja inacabado ou seja apenas o início de obras. Em eventos deste tipo acontecem discursos em palanques, distribuição de brindes, tudo com intensa cobertura da mídia impressa e televisiva. Mas, pretendíamos com o Candidato, justamente o oposto, o *Candidato do ENTORNO* inaugura lugares abandonados, lugares onde já houveram palanques, discursos, cobertura midiática, lugares que em algum momento eram ativos, vivos. A ação pensada pelo coletivo acontece na cidade, após observação sobre sua construção espacial e social e volta-se para a cidade pela intervenção urbana. Como explica Vera Pallamin (2002, p.109) "A arte urbana como prática crítica, ao antepor-se a narrativas pré-moldadas, percorre as vias de interrogação sobre a cidade, sobre como esta tem sido socialmente construída". O Candidato inaugura cadáveres de concreto que estão largados a céu aberto na cidade de Brasília, mas faz isso sem mídia, sem alarde, sem convites. Chegamos mascarados nos locais escolhidos e nossos espectadores são apenas as pessoas que já estão naquele espaço.

Com tal intuito, fomos mascarados de *Candidato do ENTORNO* a 4 lugares realizar sua inauguração: Concha Acústica, Planetário, Teatro de Arena e Piscina com Ondas. Neste ato bastante performático, além de estarmos com máscaras do Candidato, escolhemos um pedaço de terra adequado, fizemos um buraco e plantamos um ipê amarelo, árvore típica da cidade.

O primeiro destes espaços foi a Concha Acústica, sua escolha passa pela importância deste local. Ele comporta 10 mil pessoas, recebeu grande shows na década de 70, época em que também sediava as colações de grau da Universidade

de Brasília. Na década de 80, foi palco do Rock na cidade e está localizado ao lado do Museu de Arte de Brasília. Em 2002, seus arredores estavam em obras, próximo a Concha Acústica foi construído, por um político da cidade, uns dos maiores e mais caros complexos hoteleiros de Brasília. Enquanto seu palco e suas arquibancadas encontrava-se desgastados pelo tempo. Para o grupo era o lugar ideal para começar as inaugurações (figura 7).

Figura 7: Intervenção Urbana *Inauguração da Concha Acústica*, pelo *Candidato do ENTRONO*, Brasília, 10 outubro de 2002.

O segundo espaço foi escolhido por um motivo bastante nostálgico. Grande parte do coletivo cresceu em Brasília e visitava com seus colégios do ensino fundamental o Planetário de Brasília, a curiosidade era grande sobre qual teria sido seu fim. Sabíamos que o prédio que abrigava o Planetário continuava de pé no meio do Eixo Monumental, entre a Funarte e o Centro de Convenções. Mas, o que havia lá dentro? Barrados na entrada pelo vigia do local, voltamos para o gramado fora do prédio e inauguramos o Planetário (figura 8). Intrigados pelo o fato de uma ruína ter vigia.

Figura 8: Intervenção Urbana *Inauguração do Planetário*, pelo *Candidato do ENTRONO*, Brasília, 19 outubro de 2002.

Apesar do coletivo estar consciente de sua postura artística e ter trabalhado com temas políticos nestas ações do Candidato, a cada intervenção ou ação na cidade éramos apresentados a questões novas. Havia uma reflexão e discussão anterior aos trabalhos, que incluía pesquisa histórica, produção gráfica e roteiro das ações a serem desenvolvidas, mas o contato direto com a cidade e com os locais escolhidos, propunha sempre novas reflexões. Encontrávamos situações inusitadas e inesperadas, como o vigia do espaço abandonado, que ao exemplificar porque não poderíamos entrar não falou de normas ou leis, mas disse: "nem a Globo entra aqui", demonstrando claramente qual era a estrutura de poder e onde nos encontrávamos como coletivo artístico naquela organização.

Surpresa também tivemos ao encontrar o terceiro lugar inaugurado. Andando pelos arredores do Planetário encontramos uma construção de concreto com formato circular sustentado por algumas colunas. Ao perguntar para pessoas que trabalhavam ali, nos disseram que no centro daquele grande círculo havia um teatro de arena soterrado. O motivo de seu soterramento foi impedir que fosse ocupado por moradores de rua. Descobrimos que no meio do Eixo Monumental, perto do Clube do Choro, Planetário, Centro de Convenções e Complexo Cultural da Funarte existia um teatro, abandonado e impossibilitado, que fora enterrado vivo e o grito era abafado. Foi o encontro perfeito. Inauguramos o Teatro de Arena (figura 9).

Figura 9: Intervenção Urbana *Inauguração do Teatro de Arena*, pelo *Candidato do ENTRONO*, Brasília, 10 outubro de 2002.

O último espaço inaugurado foi a Piscina com Ondas, no Parque da Cidade. Este era um dos lugares de lazer mais ativo na década de 80, atraia crianças de várias idades e localidades do Distrito Federal. Como esperado, em 2002 encontramos uma piscina seca, cercada com muitos portões e cadeados, mas sem nenhum responsável por perto, o que possibilitou a entrada de alguns integrantes do coletivo que verificaram seu abandono e ruína. Simbolicamente, marcamos a presença do Candidato, nesta última inauguração, plantando um ipê amarelo.

Figura 10: Intervenção Urbana *Inauguração da Piscina com Ondas*, pelo *Candidato do ENTRONO*, Brasília, 10 novembro de 2002.

Esta intervenção encerra as atividades do *Candidato do ENTORNO* em 2002[vi]. Deixamos em aberto sua condição de Candidato, sem definirmos desde o começo a que ele se candidatava. Mantemos assim, uma condição temporária, ser Candidato, como condição de existência. Esta decisão foi muito útil quando em 2004 fomos

convidados para um encontro de coletivos de arte no Rio de Janeiro, onde aconteciam as eleições municipais, que não existem em Brasília. Sem dúvida era hora de voltar com o projeto. Outra vez colocávamos em discussão estratégias políticas controversas e discutíamos maneiras de transportar tais situações para o universo urbano e artístico. Decidimos desta vez distribuir terra, levando em conta as diversas possibilidades de significação desta palavra. Nomeamos o trabalho de Terra da União, associando a primeira palavra com outra também cheia de significados distintos. Para o trabalho, a terra de Brasília era ensacada e etiquetada, e foi levada para o Rio de Janeiro dentro de uma mala. Lá, no morro de Santa Tereza a terra foi distribuída por alguns membros do coletivo que estavam mascarados de *Candidato do ENTORNO* (figura 11).

Figura 11: Intervenção Urbana *Terra da União*, pelo *Candidato do ENTRONO*, Rio de Janeiro, setembro de 2004.

A intervenção além de efêmera, era muito discreta, acontecia no caminhar dos três membros do coletivo pelas ladeiras e na entrega de pequenos saquinhos com terra. Mas, seu teor irônico gerava discussões imediatas com a população sobre eleições, política e candidatos. Como cita Vera Pallamin, coletivos de arte tem encontrado nesta estratégia uma forma para afetar o público:

> "Seus modos de intervenção no espaço público podem estabelecer descontinuidades significativas do ponto de vista cultural, mesmo que se perfazendo de modo muito discreto, como tem sido a característica de várias intervenções artísticas de caráter efêmero. Um dos pontos de maior interesse é sua possibilidade de contribuir com a desregulação de certos valores aí cristalizados, gerando novas formas de esclarecimento e abrindo novas extensões do espaço vivido." (PALLAMIN, 2002, p.108-109)

Como proposto, citamos as mudanças estruturais do *Projeto de Arte ENTORNO*, diante disso, podemos dizer que a saída e entrada de artistas faz parte da organicidade do grupo. Esta é uma das formas de resolver o problema da criação coletiva, proposta a partir de discussões e debates, onde os resultados são apresentados pelo *Projeto de Arte ENTORNO* e não individualmente. O funcionamento desta estrutura frágil se deu até hoje a partir de abandonos, mas também de agrupamentos novos, alguns artistas saem e outros entram no coletivo. O sistema de criação acontece por meio de doações de idéias, que serão certamente modificadas pelos outros componentes do projeto. Sem a clareza desta situação não há como participar do grupo, talvez este seja o motivo pelo qual hoje somos somente 5 (começamos com 19): Antônio Biancho, Clarissa Borges, Janaína André, Marta Penner e Sofia Fernandes.

Quanto à relação entre intervenção urbana e política nas ações realizadas com o *Candidato do ENTORNO*, ressaltamos que seu fim não foi em 2004. Continuamos trabalhando este assunto e agimos quando conseguimos formular novos trabalhos, de preferências em anos eleitorais, como é o caso do trabalho *Showroom do Candidato,* realizado em 2006. Nesta ação, ao contrário da proposta do grupo de não envolver instituições de arte, usamos uma galeria de arte, que tem características de uma vitrine e que servia de passagem para a entrada de um teatro que abrigava as reuniões do partido do então candidato Arruda. Seu caráter de intervenção na cidade é menor que as ação descritas e propostas neste artigo, por isso foi excluída deste texto. Talvez, novas articulações do grupo tornem possíveis um novo texto, que aborde as ações de 2006 e 2010.

---

[i] Na formação inicial participavam do grupo: André Santangelo, Clarissa Borges, Eudirce Silva Almeida, Fred Sidou, Janaína André, José Eduardo Garcia de Moraes, José Eugênio, Karime Dutra, Karina Dias, Lelo, Marta Penner, Nazareno, Nikoleta Kerinska, Oziel Araújo, Quéfren Crillanovick, Rodrigo Paglieri, Terezinha Losada, Valéria Pena-Costa e Waleska Reuter.

[ii] Vale lembrar que tal organização urbana é muito clara para os moradores de Brasília, e portanto para os membros do grupo. Plano Piloto é o espaço planejado central do Distrito Federal, as Cidades Satélites encontram-se ao redor do Plano Piloto, e o entorno é um lugar não oficial e marginal, ao redor das Cidades Satélites.

[iii] Neste momento acontecem mudanças na configuração do grupo com a saída de alguns participantes. Os membros do grupo neste momento são: André Santangelo, Clarissa Borges, Janaína André, José Eduardo Garcia de Moraes, José Eugênio, Karime Dutra, Marta Penner, Nazareno, Oziel Araújo, Rodrigo Paglieri, Valéria Pena-Costa e Waleska Reuter.

[iv] Segundo Elisa de Souza Martinez (2006) este projeto, apesar de aprovado pela Funarte, não encontrou apoio na instituição e não teve autorização para ser realizado pelo superintendente da Rodoviária.

[v] Em dezembro de 2002, Antônio Biancho entra para o coletivo, participando da Intervenção Urbana *Lavagem da Praça dos Três Poderes.*

[vi] O grupo tem outros projetos além do Candidato. Por exemplo, neste mesmo ano realizamos também a intervenção "Lavagem da Praça dos três Poderes", em dezembro.

Referências

ALBUQUERQUE, Fernanda. Muito além do ateliê. **Aplauso Cultura em Revista** – ano7, 2005. Porto Alegre.

BARRETO, Jorge Mascarenhas Menna; GARBELOTTI, Raquel. Especificidade e (in)traduzibilidade. IN: LIMA, Ana Paula Felicíssimo de Camargo; MANESCHY, Orlando (Org.) **Já! Emergências Contemporâneas**. Belém: EDUFPA/Mirante – Território Móvel, 2008.

BÜTTNER, Claudia. Projetos Artísticos nos espaços não-institucionais de hoje. IN: PALLAMIN, Vera M. (org.) **Cidade e Cultura: esfera pública e transformação urbana**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

MONACHESI, Juliana. A explosão do a(r)tivismo. **Folha de São Paulo**, p.4-9, 6/4/2003. Caderno Mais!

MARTINEZ, Elisa de Souza. Ex-Cultura. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte** – v.06, n.1 jan/jul. 2007. Brasília Ed. PPG – Arte UnB, 2006. p.124-136.

PALLAMIN, Vera. Arte urbana como prática crítica. IN: PALLAMIN, Vera M. (org.) **Cidade e Cultura: esfera pública e transformação urbana**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2004.

MEDEIROS, Maria Beatriz. Site do grupo Corpos Informáticos, apresenta as produções artísticas do grupo. <http://www.corpos.org/>. Acesso em 19 mar. 2010.

Clarissa M. Borges

A autora é atualmente professora efetiva no Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia. Fez Bacharelado em Artes Visuais e Mestrado em Arte na Universidade de Brasília. Seu trabalho individual é com linguagem fotográfica, participando de exposições no Brasil e exterior desde 1999. É integrante do coletivo de intervenções urbanas *Projeto de Arte ENTORNO* desde seu início, em 2002.